

SUPLEMENTO DE REPÚBLICA 2

presença da mulher

AS MINHAS PERSONAGENS FEMININAS REPRESENTAM A ALIENAÇÃO DA SUA PRÓPRIA CLASSE

— afirma José Cardoso Pires

Uma noite, há quatro anos, reuni em minha casa um grupo de pessoas. Cardoso Pires, que tinha publicado recentemente «O Delfim» e cuja «Cartilha do Marialva» estava então entre os livros mais discutidos, era o convidado de honra.

O objectivo da reunião consistia em fazer-lhe uma entrevista, de âmbito mais vasto do que o simples diálogo entre duas pessoas. Os presentes estavam convidados a intervir, a alargar os temas em discussão. A entrevista ficou, porém, quase que limitada à participação de três pessoas: Cardoso Pires, Diana Andraga, Antónia de

Sousa, que orientou a discussão e recolheu as intervenções.

A entrevista, porém, ficou na gaveta, por circunstâncias várias. Hoje, passados precisamente quatro anos, dispus-me a ressuscitá-la. É preciso dizer que, desde então, o movimento feminino evoluiu de forma considerável. O «Women's lib» alterou a imagem ideal americana de a mulher no lar.

Da América vem-nos hoje notícia de uma luta declarada de mulheres contra homens. Uma luta que passou a fase da reivindicação tímida, para assumir as proporções de força poderosa. Alguma coisa, parece,

está a mudar, e não só na América, nas relações homem-mulher. A participação da mulher nos meios de produção não tem evoluído de forma a alterar radicalmente o seu estatuto. A sociedade continua a ser patriarcal, subordinando a mulher aos interesses dos homens. Só raramente, ainda hoje, o trabalho é considerado como um meio de realização para a mulher. Para ser aceite continua a ter de ser antes do mais economicamente compensador.

A entrevista, parece-me, continua válida. Se por outras coisas não fosse, pela interpretação que Cardoso Pires faz de algumas das suas personagens femininas.

MULHER INDEPENDENTE: A QUE NÃO DEPENDE ECONOMICAMENTE DO HOMEM E FAZ UMA VIDA SENTIMENTAL, AMOROSA, SEXUAL LIVRE?

— Podemos começar a entrevista com a análise da mulher independente. Que é para si, Cardoso Pires, uma mulher independente?

Cardoso Pires — Você quer dizer a mulher que não depende do homem economicamente e faz uma vida sentimental, amorosa, sexual livre, é isso?

— Suponhamos que é isso. No seu livro «O anjo ancorado» você apresenta um tipo de mulher independente...

Cardoso Pires — Que não é nada! Que até acaba por não o ser!

... mas põe esse problema. A certa altura você diz que Guida é uma das tais mulheres independentes: «há as independentes com o seu estilo e a sua raça». Era nesta perspectiva que eu desejava que nos explicasse o que é para si uma mulher independente?

Cardoso Pires — Ai, independente é pejorativo. Evidentemente, é aquele estilo de mulher auto-suficiente, da mulher que está à vontade, que dispõe de si, em face, digamos, da mulher burguesa que vive agarrada aos filhos e ao marido ou com um determinado tipo de instalação burguesa. É aquela mulher que, por qualquer razão, por experiências políticas, sociais de toda a ordem adquiriu um sentido de autoridade que é uma resposta ao comportamento de outro tipo da mulher comum, que não tem um conhecimento desses fenómenos ao seu conjunto que, por exemplo, não se interessa por política, mal ou bem agarrada ao seu lar. É em relação a essa mulher que, ostensivamente, se põe em face desses valores regando-os por inteiro. Vamos a ver se eu me explico melhor, com exemplos. Conheci algumas mulheres independentes e até algumas delas acabavam o mais dependentes possível. É o tipo de mulher,

(Continua na página central)



Uma empresa de consulta industrial, que realizou, recentemente, um inquérito em 700 empresas de todos os sectores e importâncias, revelou que, na Alemanha Federal, somente 1,9% das mulheres se encontram entre os quadros. É a categoria dos quadros médios que regista maior proporção de mulheres: 7,5% entre o pessoal, 6,9% nas finanças e 3,6% na administração geral.

A mulher que conseguiu elevar-se ao nível dos quadros superiores percebe um salário em média inferior a 21% ao dos seus colegas masculinos, ocupando a mesma posição e tendo responsabilidades da mesma natureza. O que confirma a discriminação a que a mulher está sujeita a todos os níveis ou quase, se não na totalidade, pelo menos na maior parte dos países do Mundo.

Será, porventura, de estranhar que a mulher tute, por todos os meios, contra esta degradante discriminação? Deve a mulher ser manipulada pelo homem, segundo as conveniências económico-sociais das estruturas que ele, mal ou bem construiu? Ou apresentar-se a seu lado como companheira de trabalho ao nível das suas possibilidades reais, sem o condicionamento dum estatuto de inferioridade atribuído ao sexo e por extensão à pessoa? O salário igual para trabalho igual tem de passar a prática corrente, assim como devem ser abolidas tantas outras discriminações, em que avulta a desigualdade de oportunidades, para que não se adensem as fileiras do movimento das mulheres que escolheram deixar de reivindicar um lugar ao sol a par dos homens, para o conquistar à margem e contra os homens!

MULHERES CONTRA HOMENS OU OS HOMENS CONTRA AS MULHERES?

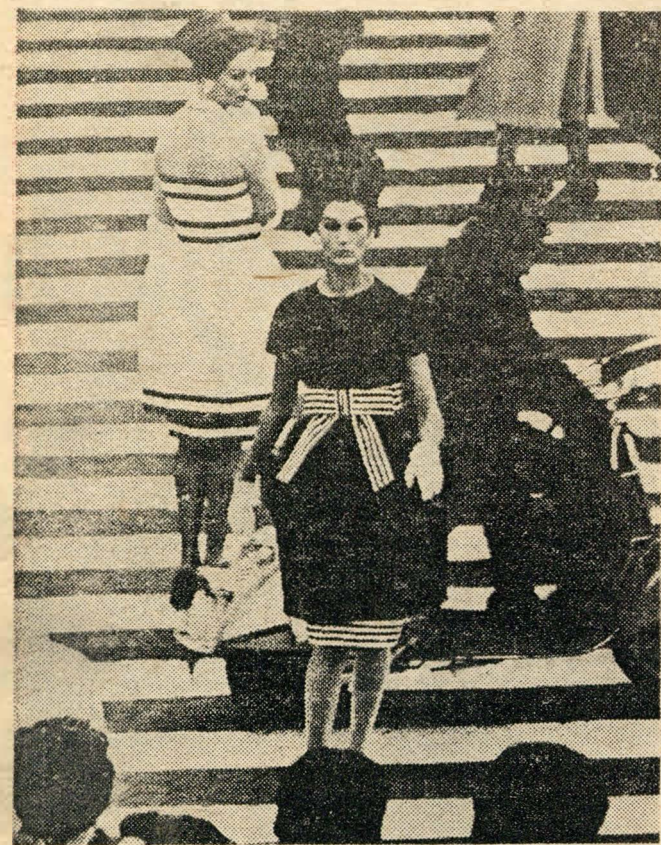
CARDOSO PIRES: «A elaboração sentimental da mulher é mais lenta e a fixação mais profunda»

(Continuado da pág. 1)

por exemplo essa de «O Anjo Acorado», professora, filha de boas famílias, culta, com «maças» — a ultrapassar já a média da mulher portuguesa, que é inculta relativamente à média do homem português — que tem a necessidade de afirmação ou de desprezo. Isso nota-se no comportamento e até no vestuário.

Você repare que só há muito pouco tempo é que certo tipo de mulher começou a ter preocupações em exibir-se femininamente. Há oito anos havia a panache da igualdade, aquilo que ainda vem do tempo da mulher lá do Exército de Salvação, não é?

Ora bem, só há muito pouco tempo a mulher começou a cultivar o mito do feminismo, precisamente porque elas tinham a necessidade — e compreende-se, por uma razão que não é nada pejorativa — de estar o mais próximo possível dos homens em termos de camaradas, porque o homem por seu turno também não estava preparado, tinha menos convívio com a mulher e por



É evidente que a mulher tem direito à liberdade sexual, tal como o homem, mas há razões biológicas para uma maior necessidade de fixação por parte da mulher. — Cardoso Pires

isso esse convívio era muito mais difícil! Por exemplo, em 1945 era muito menos comum as raparigas fumarem nas ruas, nos cafés. Ainda há bem pouco tempo, no Porto, uma mulher foi posta fora de um café porque estava a fumar. Está a ver que não estamos a uma grande distância!

Como desejava a integração, esse tipo de mulher, que na verdade estava culturalmente mais evoluída em relação ao comum, tinha de abafar um bocado a sua feminilidade para se sentir em contacto mais fácil com os homens, que eram no fundo a sua companhia. As mulheres detestavam, de um modo geral, a companhia de mulheres. Ainda hoje é frequente ouvir a uma mulher que tem mais amigos que do amigas. Isso é uma reacção e dá por vezes certa agressividade. Eu estou farto de encontrar mulheres que se exibem com esse ar de «Eu sou tão independente como tu! Eu não tenho problemas».

EM PORTUGAL AS MULHERES NÃO PODEM SER EMANCIPADAS PORQUE O HOMEM NÃO ESTÁ EMANCIPADO

— Já agora diga-nos o que pensa disso?

Cardoso Pires — Penso que está certo, desde que se não faça exibicionismo. Isso é machismo ao contrário. Isso é um problema. Realmente porque é que uma mulher há-de estar a pôr esse problema a um homem, com os olhos, com a maneira de ser, com o seu à-vontade, para nada?! Uma pessoa que esteja realmente evoluída não tem esse problema.

Diana — O Cardoso Pires, é um problema...

Cardoso Pires — É um problema de afirmação. Um homem que se senta numa cadeira do eléctrico ou em qualquer lado e tem atitudes exibicionistas está a braços

com um problema de afirmação ao contrário. Assim como a mulher que, perante um indivíduo, lhe quer mostrar que é perfeitamente independente, que se está nas tintas para uma série de leis e preconceitos e quer que o sintá, como o outro quer que as pessoas sintam que ele é um grande macho.

— Nesse caso uma fêmea...

Cardoso Pires — Nesse caso seria uma fêmea disponível, livre. Repare, em Portugal uma mulher pode ser emancipada. Olhe, não é só pelo sexo, mas também chamemos-lhe, se você quiser, por uma afirmação intelectualista. Isto é, a mulher que se quer afirmar pela sua inteligência. Isso é flagrante. Estive há pouco tempo numa festa em que havia duas ou três raparigas — era uma festa que metia corredores de automóveis, um sítio diabólico! — que tinham uma atitude de repúdio e ao mesmo tempo de afirmação intelectual. Só falavam de filmes, de livros e de teatro. A coisa não é feita expressamente, mas a mulher ao querer fugir tanto do outro mundo, do mundo de trivialidade para que foi criada em Portugal, está sem querer permanentemente a recolher-se noutra parte, do mundo que é, evidentemente, social e culturalmente mais válido, mas que também não é tão válido como isso! Não é só por marialvismo, porque a maior burguesa também faz um marialvismo disfarçado! Essa, então, sabe cruzar a perna, faz trinta por uma linha e olha...

Diana — Não me refiro ao marialvismo sexual, mas ao marialvismo atitude de vida, que o homem português tem e a mulher portuguesa é evidente que também tem, porquanto começa a emancipar-se.

Cardoso Pires — Você não tenha dúvidas que, na sociedade de consumo, a mulher está a voltar atrás. O sonho hoje da francesa é a mulher americana. Está provado. Li várias coisas sobre isso. Até escrevi uma coisa em «O Tempo e o Modo» sobre isso. A mulher francesa está a voltar nitidamente para a ideia americana de a mulher do lar.

A MULHER É UM VALOR ECONÓMICO MUITO IMPORTANTE

— É porque diz isso?

Cardoso Pires — Por uma questão de exploração da mulher. Em França, por exemplo, a mulher é mais explorada que o homem. A mulher teve acesso ao trabalho, mas não passa de determinado nível. A razão porque em França os maridos são muito delicados com as mulheres é a mesma exactamente a de Estocolmo: é que as mulheres são um bom capital. Eu não conheço a lei francesa, mas li alguns artigos em que a mulher casa e aquilo são subsídios a torto e a direito. «A mulher trabalha e tem direitos, por isso é que ela manda muito no marido», diz o português vexado: diz que quer as férias em tal dia, o marido dá um ar satisfeito de bom entendimento e de independência, porque no fundo, sem ele querer — evidentemente não está lá escrito que ela vale tanto à hora — mas no fundo ele sabe que a mulher é um valor económico muito importante para ele. Em França e na Suécia ainda é pior. Esses tipos suportam tudo e mais alguma coisa por esta razão. Porque há muitas razões. Uma delas é também essa. Ser casado na Suécia é um empate de capital brutal. Basta dizer-se que há operários que, a partir dos quarenta e três, quarenta e quatro anos não trabalham mais, mas têm que ser casados e ter filhos. Verifico que em França a mulher, a não ser em coisas de cultura e profissões intelectuais, não tem tanto acesso a pontos altos; no resto, nas repartições, nas fábricas, ela continua a ir só até certo ponto. As editoras que eu conheço em França, estão quase todas nas mãos das mulheres até determinada altura. Daí para cima, são homens outra vez. A mulher em França é muito mais escrava do que a gente pensa. Trabalha que se farta; e é por isso que, ser convidado para se ir jantar a casa de um francês, não é a mesma coisa do que ser convidado no nosso país, porque a francesa tem que ir ao mercado comprar a costeleta, tem que fazer tudo e vocês vão ao «bistro» e vêem a mulher a trabalhar e o marido atrás da caixa registadora.

Certamente que aquela mulher que está ali todo o dia no «bistro» a «estovar», o sonho que ela tem é pegar numa revista americana, ver um laboratório de cozinha espantoso, numa vida de dona de casa atraente, com direito a voto e a outros direitos que a americana tem e ainda a vantagem de ter o seu carro privativo, pois o marido tem o dele sendo operário especializado, ter todas aquelas paisagens de cromos das revistas americanas e, portanto, o sonho vira-se todo para ali. Se você reparar quase todos os utensílios domésticos têm

nomes americanos, quase todos mudaram de nome franceses para nomes americanos.

A MULHER ESTÁ LIGADA À PROPRIEDADE

Diana — A emancipação da mulher só pode dar-se na altura em que ela colabore nos meios de produção, para que o homem aceite essa sua entrada, que o trabalho da mulher o recompense. É por isso, por exemplo, que na União Soviética, onde a mulher tem normalmente o mesmo acesso que o homem ao trabalho, o homem que é solteiro paga taxas e o que é casado com filhos tem benefícios.

Cardoso Pires — Bem, isso depende, isso pode acontecer amanhã. Esse porquê dos solteiros e casados e ser permitida a pilula são coisas meramente históricas e de circunstância.

Diana — É sempre preciso que o trabalho da mulher seja recompensador para que o homem aceite fazer. É evidente que quando a emancipação se tiver dado, já não é preciso este regime de taxas.

HÁ RAZÕES BIOLÓGICAS PARA MAIOR FIXAÇÃO POR PARTE DA MULHER

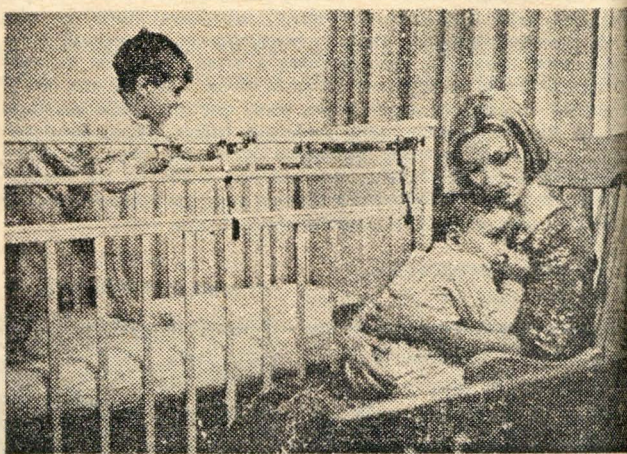
Cardoso Pires — É evidente que a mulher tem direito à liberdade sexual, tal como o homem, mas há razões biológicas para uma maior necessidade de fixação por parte da mulher. Penso que o homem espantoso, o homem ideal é o homem de uma só mulher, porque terá de ser um tipo com uma capacidade de imaginação e criação espantosas. A mulher tem uma capacidade de adesão muito maior do que o homem, por razões estudadas e descritas. É muito mais lenta a elaboração sentimental da mulher e a sua fixação é mais profunda.

A liberdade sexual só se dá quando duas pessoas estão em relação de liberdade uma com a outra, se a liberdade sexual é o prolongamento de uma outra liberdade que é a capacidade de defesa que um indivíduo tem em relação ao ambiente que o cerca. A relação de liberdade entre dois indivíduos, a sua comunhão nunca pode ser meramente sexual, como sabemos. A verdade é que a sua relação sexual é tanto mais livre, quanto mais livres estiverem no seu convívio um perante o outro.

QUANDO AS ESCOLHI (AS PERSONAGENS FEMININAS DOS SEUS ROMANCES) ERAM ACTUAIS, SIGNIFICATIVAS OU SIMBÓLICAS DE UMA DETERMINADA CRISE

— Pretende, acaso, com as personagens femininas dos seus romances, definir a mulher do presente?

Cardoso Pires — Eram, quando as escolhi, figuras



Mulher independente é «aquela que, por experiências políticas, sociais de toda a ordem adquiriu um sentido de autoridade como «resposta ao comportamento da mulher comum, que não se interessa por política, mal ou bem agarrada ao actual, significativas ou simbólicas, de uma determinada classe e de uma determinada crise».

— Quais são as que o impressionaram mais ou as que acha mais significativas e porque o são para si?

Cardoso Pires — Naturalmente impressionaram-me todas e são todas significativas em diversos estratos e em diversas situações. Há um conto meu que se chama «Week End», onde procurei pôr num só conto toda uma situação dramática de mulher, em que o próprio homem não é o próprio amante é vitimado por ela. Uma mulher não pode com o marido, ama outro, mas pelo tal compromisso, pela tal situação comum e banal do casamento, recusa-se a continuar uma vida clandestina com ele. É desta forma que o amante toma consciência de uma segunda realidade dramática da mulher.

É muito difícil responder qual é a personagem feminina que mais gosto, ou porque a escolhi. Porque quer uma das personagens, por exemplo a do «Anjo Acorado» ou a do «Delfim», penso que são representações de um determinado tema, de uma determinada tendência, em certo momento, da vida portuguesa e apresentam a alienação da sua própria classe. Uma mulher como a do «Delfim» está cheia de simbolismos, levada a uma saturação, a um estado limite. Consolida-se a mulher que tem contra ela todos os poderes, presa de tudo, inclusive de uma maternidade frustante, até de um marido que não se deprime que lhe dá uma vida sentimental intensa ou regular sequer, até a fazer ela própria a ajudar a construir um filho naquele exemplo limite de enclosão, de rebentar com todos os limites: o marido machista, muito homem, que chega e encontra aquele desfecho precisamente depois de uma aventura violenta também com uma artista de variedades estrangeira. Pretendi dar um tipo de mulher de uma burguesia perfeitamente desfasada dos seus elementos e tradicionais, uma rapariga da cidade que é atraída para o campo e aí vive uma vida de senhora lavradora, em contrapartida com um homem que vive no campo, sonha com o campo e quer tempo, com valores patriarcais de ordem arcaica, que já não está no campo, está comprometidíssimo, que é um engenheiro e trabalha numa fábrica de mados de madeira, ele, um homem partidário da luta contra a indústria, que fala contra as cidades, e nelas que vai fazer as suas escapatórias, um tipo tipicamente «flow» entre os valores que defende e é obrigado a aceitar.

É uma situação de crise. Se você me perguntar se de acordo com algumas das minhas personagens, umas, digo-lhe que não tenho de estar de acordo. Somatórios de pessoas que conheci, conheci várias coisas que, somadas, deram a Maria das Mercês aquele caso, aquela morte, aconteceu na Argentina.

S HOMENS TÊM UMA VIDA MAIS FÁCIL QUE AS MULHERES?

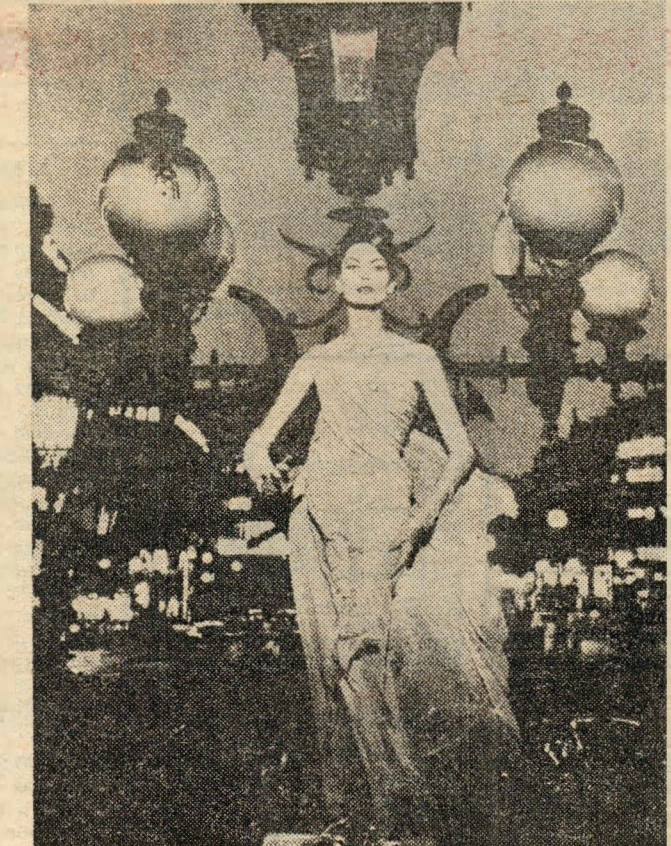
Quando uma sondagem pública efectuada recentemente pelo Instituto de Tubingen, na Alemanha Federal, 71 por cento das mulheres alemãs de opinião que os homens têm a vida mais fácil que as mulheres. Os homens apontados são os seguintes:

Os homens têm uma vida menos monótona (textilidade: «menos rames») estão sempre em contacto com novas impressões encontram permanentemente homens interessantes e mulheres bonitas.

Os homens podem viajar mais frequentemente; os homens afirmam-se mais na sua profissão.

Infim, o último ponto: «Os homens podem facilmente «flirtar» com as mulheres!»

Corajado por este inquérito, uma grande revista americana convidou o ano de 1945 a suas leitoras a declarar-se sobre este assunto. O resultado foi menos claro: 33 por cento de opinião que a vida dos homens era menos



Cardoso Pires: «Estou farto de encontrar mulheres que se exibem com esse ar de «Eu sou tão independente como tu! Eu não tenho problemas»

— Gostaria que analisasse a personagem feminina do «Anjo Acorado».

Cardoso Pires — Estou muito distante dela. Sente uma solidão com a qual os intelectuais se encontram mais identificados. De tanto analisar os problemas e de tanto analisar e dar o seu espectáculo, há o estado limite da solidão. Só que aí a solidão é compensada pelo prazer da análise e então isso cria uma frustração ao nível dos sentidos até.

Sugiro que é uma mulher fria. A sua solidão é compensada com tão pouca acção, com tal vontade de análise, de discussão, de teoria, de teorização, de análise de problemas, que lhe será impossível realizar-se.

ANTÓNIA DE SOUSA

A SEMANA

PROFESSORA CATEDRÁTICA DE FARMÁCIA

DOMINGO, 23 — Uma mulher conquistou, pela primeira vez, em Portugal, o grau de professora catedrática na Faculdade da Universidade de Coimbra. Trata-se da doutora Maria Serpa dos Santos, que terminou de forma brilhante as suas provas para professora catedrática do Grupo de Química daquela Faculdade da Universidade de Coimbra.

REDE DE PROSTITUIÇÃO NEGRA EM ITÁLIA

SEGUNDA-FEIRA, 24 — A polícia italiana cre que várias centenas de mulheres foram trazidas de África para Roma, no ano passado, com ofertas enganadoras de empregos como criadas de servir para depois serem atraídas para a prostituição.

A investigação foi efectuada por agentes da brigada especial da polícia dos costumes e do departamento dos estrangeiros, por suspeitas da existência de uma rede de prostituição, após terem efectuado buscas a dois clubes desta capital. As mulheres africanas eram convidadas a ir aos clubes por homens que entravam em contacto pouco depois com elas.

HAVERÁ UM TIPO DE MULHER IDEAL?

QUARTA-FEIRA, 26 — Resposta de um homem, de 45 anos, empregado em relações públicas, ao inquérito de um vespertino da capital acerca das qualidades e personalidade daquela que poderia considerar-se a mulher ideal: «Olhe uma mulher ideal tem que ser uma mistura de Isabel I de Inglaterra com Madam Curie e com aquilo que fosse a mãe ideal, ponha aí, Filipa de Lencastre. Uma mulher com pulso firme capaz de fazer da Inglaterra uma grande nação. Madame Curie porque foi uma cientista devotada ao bem da humanidade e uma esposa ideal. Filipa de Lencastre, que foi mãe de quatro filhos».

MALCRIADA POR TROÇAR DOS HOMENS EM FILMES

QUINTA-FEIRA, 27 — Nelly Kaplan, que apresentou o seu novo filme, «Papa, les Petits Bateaux», no Festival da Mulher de Cinema, em Nova Iorque, declarou numa entrevista: «A imprensa afirmou que eu era malcriada. Não gostaram do facto de eu ter troçado dos homens. E eles são contra arpariga. Disseram que a rapariga não devia armar em palhaço. Não deveria fazer caretas. Uma rapariga bonita tem de ser uma rapariga bonita». E acrescentou: «Disse-lhes que eles gostavam de Jerry Lewis a fazer caretas porque é um homem. Aceitaram-no. Mas quando viram Sheila White declararam «Não se pode saber se ela é realmente bonita porque está sempre a fazer caretas». E ficaram aborrecidos. Não gostaram do facto de que a rapariga mata seis homens. Não apreciaram o meu filme por motivos machistas. Um homem pode fazer tudo o que quer mas uma mulher não pode transformar outra mulher num palhaço e, especialmente, não deve obrigá-la a matar seis homens».

EXEMPLO DAS VIRTUDES DA MULHER PORTUGUESA

SEXTA-FEIRA, 28 — A rainha D. Leonor, fundadora das Misericórdias, foi citada como exemplo das virtudes da mulher portuguesa, particularmente no que se refere ao seu papel como educadora, pelo padre Alfredo Gomes Camacho, numa conferência, em Buenos Aires, sobre «A Mulher Portuguesa».

A VIOLÊNCIA NO CINEMA

SABADO, 29 — O dr. Victor B. Cline, de Salte Lake City, revelou que nos 37 filmes a que assistiu ultimamente viu 59 assassínios, 88 homicídios justificáveis, 76 tentativas de assassínio, 11 massacres, seis bombardeamentos e 68 cenas de nudismo.

Elisabeth Kaufmann